

USO DA SEGUNDA PESSOA GENÉRICA EM LATIM – UMA REFLEXÃO A PARTIR DE UM FRAGMENTO DO *DE ELEGIA* DE TOMÉ CORREIA

USE OF THE GENERIC SECOND-PERSON IN LATIN –
A REFLECTION BASED ON A FRAGMENT OF TOMÉ CORREIA'S
DE ELEGIA

RUI VERDASCA

CECH-UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RUIPEDRO.VERDASCA@HOTMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0009-0006-3577-2483](https://orcid.org/0009-0006-3577-2483)

73

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 25/04/2025

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 11/08/2025

Resumo: Dado à estampa nos anos setenta do século XVI, o *De elegia* de Tomé Correia (1536-1595), o primeiro tratado de importância consagrado ao género elegíaco, não raro comporta construções de segunda pessoa genérica. Pensado para a didática do latim, este artigo explora um excerto daquela obra que espelha com clareza o referido uso gramatical e que debate o conceito retórico-poético de *decorum* no âmbito da genologia literária.

Palavras-Chave: Segunda pessoa genérica, latim renascentista, tradução, Tomé Correia, *De elegia*.

Abstract: First published in the 1570s, *De elegia* by Tomé Correia (1536-1595), the first significant treatise devoted to the elegiac genre, not infrequently employs constructions of generic second-person. Aimed at Latin didactics, the present article explores a passage from that treatise that clearly exemplifies this grammatical usage, while also engaging with the rhetorical-poetic concept of *decorum* within the scope of literary genology.

Keywords: Generic second-person, Renaissance Latin, translation, Tomé Correia, *De elegia*.

INTRODUÇÃO

Estabelecemos como objetivo inicial deste artigo analisar o uso da segunda pessoa genérica com base num excerto do *De elegia* (1571), o primeiro tratado de importância consagrado à teorização do género elegíaco, da autoria do humanista português Tomé Correia (1536-1595).

No decurso do trabalho de edição crítica, tradução e estudo do tratado em apreço, selecionou-se um fragmento de significativa utilidade para uma eventual aula de latim centrada no fenómeno da segunda pessoa genérica, na perifrástica passiva, nos vários tipos de orações sintáticas, no uso do conjuntivo e no vocabulário alusivo à retórica e à poética. Estamos em crer que a eficácia pedagógica do excerto se deve à existência de estimulantes questões teóricas que podem ser produtivamente articuladas com o ensino da língua latina.

Começando por uma breve reflexão linguística sobre o uso referido em português e em latim, destacamos o seu valor generalizante e damos a ver as suas possibilidades de tradução. De seguida, discute-se a relação entre a generalização discursiva e a teoria retórica. Segue-se uma contextualização histórica do tratado de Correia, dando especial atenção ao conceito de *decorum* e à sua problemática na genologia literária renascentista. Concluímos com a apresentação do excerto,

acompanhado de sugestões didáticas para a sua exploração, e de uma proposta de tradução.

A forma pronominal deítica de segunda pessoa do singular é, por vezes, submetida, no discurso oral, a um processo de impessoalização de carácter generalizante. De acordo com a sua conceptualização linguística, o seu valor generalizante decorre de uma “desinscrição enunciativa, uma vez que os pronomes não são usados de forma deíctica [...]”, reenviando “a um grupo amplo e de contornos referenciais indefinidos”¹. Este efeito discursivo presentifica o que está a ser descrito ou imaginado, aproximando-o, no plano da argumentação, dos interlocutores concretos. Com efeito, segundo Duarte e Marques, a transformação dos pronomes prototípicamente deíticos num uso impessoalizado muitas vezes reforça estrategicamente os argumentos, dotando-os de mais credibilidade e aceitabilidade². Na *Gramática da Língua Portuguesa* de M. H. Mira Mateus *et al.* aduz-se um exemplo facilmente reconhecido pelos falantes, quando se outorga ao sujeito uma indeterminação genérica por intermédio da segunda pessoa do singular:

“sujeito com **interpretação arbitrária**, denominado indeterminado na tradição grammatical luso-brasileira; este pode ser expresso [...] pela 2.^a pessoa do singular de um verbo em frases com interpretação genérica (compare-se *Ajudas sempre os amigos e apesar disso eles criticam-te* com *One helps one's friends and they still criticize you*).”³

¹ Duarte e Marques 2014: 75.

² Duarte e Marques 2014: 83.

³ Mateus 2003: 283.

Originalmente, este uso já se verifica em textos latinos. Conhecido por segunda pessoa genérica, raras são as gramáticas latinas em português que abordam o fenómeno de forma explícita. No que diz respeito ao sujeito indeterminado, observa-se na *Gramática Latina* de António Freire e no *Compêndio de Gramática Latina* de Maria Ana Almendra e José Nunes de Figueiredo que pode ocorrer na segunda pessoa dos tempos do modo conjuntivo⁴.

Na literatura de expressão latina, nada melhor do que as obras de grandes vultos da prosa romana como Cícero e Tácito para nos depararmos com exemplos do referido uso:

memoria minuitur [...] nisi eam exerceas (Cic. *Sen.* 12)
a memória desaparece [...] caso não a exercites.

si prohibita impune transcendeleris, neque metus ultra neque pudor est
(Tac. *Ann.* 3.54)

Se ultrapassares impunemente o que é proibido, não mais haverá medo ou vergonha.

Em latim, a indeterminação do sujeito pode ser expressa através da primeira ou terceira pessoa do plural da voz ativa, sobretudo com verbos declarativos, como na construção *Tyri [...] Carthaginem filiam ferunt* (Cic. *N. D.* 3.42), bem como através da terceira pessoa do singular da voz passiva, como na frase *Ab hora tertia bibeatur* (Cic. *Phil.* 2.41), e ainda pelo simples pronome *aliquis*⁵. A tradução mais comum deste tipo de estruturas incide na construção impessoal reflexa, formada por um *se* apassivante e um verbo da terceira pessoa do singular. Fazendo uso desta construção, as frases acima traduzidas podiam ser vertidas da seguinte forma:

4 Freire 1987: 168; Almendra e Figueiredo 1996: 138.

5 Exemplos retirados de Freire 1987: 167-8.

memoria minuitur [...] nisi eam exerceas (Cic. *Sen.* 12)
 a memória desaparece [...] caso não se exerçite

si prohibita impune transcederis, neque metus ultra neque pudor est
 (Tac. *Ann.* 3.54)
 Se se ultrapassar impunemente o que é proibido [...].

O sujeito indeterminado em latim assume nestes casos uma estratégia generalizante, muitas vezes destinada a focar ou ampliar um preceito, uma máxima ou uma *sententia*. Com efeito, a generalização como meio heurístico e como efeito persuasivo não era ignorada pela retórica antiga. Num plano marcado pela *inuentio*, sabemo-lo desde Aristóteles (*Rh.* 2.18-25), os *topoi* ou *loci*, se transferíveis para diferentes tipos de casos (Cic. *Inv. rhet.* 2.48) e, por isso, adquirindo *usus* universal, tornam-se *koinoi topoi* ou *communes loci*, divisíveis segundo os três géneros aristotélicos. No contexto escolar dos *progymnasmata* (Hermog. *Prog.* 6) eram frequentemente usados na prática do género epidíctico, em particular na elaboração das *quaestiones infinitae*⁶, constituindo a fonte dos pensamentos da *amplificatio*, recurso central da persuasão. Como explica a *Rhetorica ad Herennium* (2.47), a *amplificatio est res quae per locum communem instigationis auditorum causa sumitur*. Por outro lado, Quintiliano (2.4.27-32) alerta-nos da sua evocação indiscriminada, podendo tornar-se um instrumento falacioso no tratamento judicial e deliberativo das *quaestiones finitae*. Reformulados no século XX pelos estudos literários, em particular por Ernst Robert Curtius, dão origem ao que hoje se designa por tópica literária. O *locus amoenus* e o tópico paradoxal *puer senex* são os exemplos mais conhecidos.

⁶ Vd. Lausberg 2004: 109-110 [§§2] para a distinção entre *quaestio finita e infinita*.

Na retórica contemporânea, a generalização adquire igualmente força persuasiva. Chaïm Perelman, orientado para uma teoria da argumentação, explora a importância do argumento pelo exemplo, de resto já presente na retórica aristotélica (*Rh.* 2.20), num movimento que visa passar do particular para o geral. O seu grau de generalização visa, através de uma situação específica, desvelar uma estrutura argumentativa universalmente aplicável, conquanto se parta de exemplos suficientemente variados para não se incorrer em generalizações indevidas⁷. Por isso, não espanta que atualmente a retórica publicitária tenda a homogeneizar e a estereotipar as universalizações na passagem da figura do auditório à camada das audiências⁸. A estratégia generalizante, ora por via retórica, ora por via gramatical, suscita uma aproximação argumentativa ao nível dos afectos [*mouere*], reforçando e incrementando a eficácia da intenção discursiva [*uoluntas*] e da persuasão retórica [*persuasio*].

78

Especialmente por se tratar de um tratado de natureza pedagógica e tendo em conta o quadro acima gizado, não é difícil perceber que a segunda pessoa genérica constitua um fenómeno frequente no *De elegia* de Tomé Correia, de que agora nos ocuparemos.

AUTOR E OBRA

No âmbito da teoria literária do Renascimento português, Tomé Correia (1536-1595) ocupa um lugar cimeiro entre os mais prolíficos autores de que temos notícia, a despeito da magra quantidade de estudos sobre a sua obra. Com efeito, conhecemos hoje parte escassa da sua vida. Nascido em Coimbra e formado pelo

⁷ Perelman 1999: 119-120.

⁸ Mateus 2018: 193.

Colégio das Artes, abraçou a Companhia de Jesus por alguns anos. Mas incompatibilizado com os jesuítas, parte para Itália no ano de 1559. Deste momento até 1595 lecionou poética e retórica em Itália, primeiro na Sapienza e, depois, na Universidade de Bolonha, granjeando vasto reconhecimento como orador e poeta. Durante o seu brilhante percurso produziu vários tratados de poética e uma extensa suma de retórica intitulada *De eloquentia libri quinque* (1591)⁹. Entre o seu labor teórico destacam-se tratados pioneiros acerca de géneros literários menores como o epígrama (1569) e a elegia (1571), um *libellus* sobre prosódia (1570), um importante comentário à *Arte Poética* de Horácio (1587) e uma *oratio* acerca da antiguidade e dignidade da poesia (1586)¹⁰.

Dado à estampa em Pádua nos anos setenta do século XVI e reimpresso em Bolonha, em 1590, o *De elegia* de Tomé Correia constitui, com grande probabilidade, o primeiro tratado de poética explícita consagrado ao género elegíaco¹¹. Dedicada a Scipione Gonzaga (1542-1593), notável figura da cultura italiana do seu tempo, patrono de poetas como Guarini e Tasso, a edição de 1590 teve várias impressões, claro sinal dos ecos da sua fama. Correia foi, sem dúvida, um autor que contribuiu para a proliferação teórica que reveste o século XVI, confirmando o que Baxter Hathaway veio a designar por *age of criticism*.

⁹ Estudada por Pereira 2012: 809-870.

¹⁰ Vários destes textos foram abordados por Weinberg 1961: *passim*.

¹¹ R. Verdasca (2025), O *De elegia* de Tomé Correia (1571): Estudo e Tradução. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

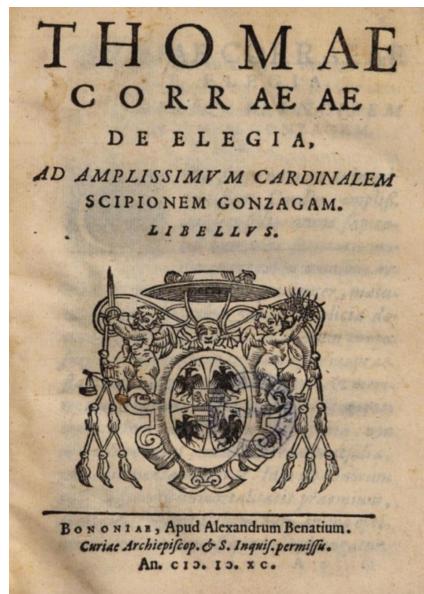


Fig. 1. Tomé Correia, *De elegia ad amplissimum cardinalem Scipionem Gonzagam libellus*,
Bolonha, 1590.

No que diz respeito à teorização dos géneros literários, é no período do Renascimento que se verifica pela primeira vez uma codificação genérica minuciosa e sistemática, cujo lídimo representante veio a ser Júlio César Escalígero e os seus *Poetices libri septem* (1561)¹². Há como que uma compulsão taxonómica¹³ numa era em que os reinos da poética e da retórica se mesclam para suprir as lacunas deixadas pela Antiguidade. Como é sabido, apenas a tragédia e a epopeia tinham sido teorizadas com relativa profundidade nas poéticas antigas. A lírica, continuamente remetida a um *humilis stylus* (Sérvio) e a uma menoridade no sistema literário, começará apenas a adquirir importância

12 Martín 2020.

13 Lecercle 1986.

com Petrarca e sua subsequente canonização por Pietro Bembo nas *Prose della volgar lingua* (1525). Daí que fosse notória a assimetria entre a debilidade da metalinguagem teórica renascentista e a proliferação cada vez mais sofisticada das formas líricas, em especial a da elegia¹⁴. Por outra banda, a partir dos anos sessenta e setenta do século XVI, a teorização italiana, ao reconhecer o apogeu da geração passada no que toca aos comentários da poética horaciana, passa a aplicar os princípios do Venusino a géneros menores não codificados como a comédia, o soneto, o romance em verso, o epígrama e a elegia¹⁵.

Neste quadro se insere a figura pioneira de Tomé Correia, quando dá à estampa em 1571 o seu profundo e exaustivo tratado acerca da elegia, um género menor que apenas tinha sido alvo de breves indagações teóricas por humanistas como Robortello¹⁶, Minturno¹⁷ e Escalígero¹⁸. Ao longo de uma centena de páginas, Correia introduz a elegia, aborda a sua génese e detém-se na descrição do dístico elegíaco, dando exemplos dos seus principais modelos latinos: Catulo, Tibulo, Propércio e Ovídio. Mas antes de se ocupar da teorização do género elegíaco, o nosso autor compõe um longo exórdio ao *De elegia*, no qual delineia a sua concepção de poesia, enformada pela poética horaciana e pela retórica ciceroniana. É nesta secção que define conceitos como poeta, poema e leitor, insistindo de igual forma no processo de *limae labor* (Hor. Ars 291), no binónimo *ars/ingenium* e no conceito de *decorum*.

A propósito da *uxata quaestio* de saber o que mais importa, se a arte ou o engenho, Correia propõe a sua conciliação perfilhando ideias de Horácio (Ars 408-411), do *Pro Archia* (7.55) de Cícero e da *Institutio Oratoria* (2.19) de Quintiliano. Se para Demócrito e Platão o poeta, qual

¹⁴ Aguiar e Silva 2007: 339; Leroux 2017: 287.

¹⁵ Weinberg 1961: 201.

¹⁶ Robortello 1548.

¹⁷ Minturno 1559: 405-411.

¹⁸ Escalígero 1561. Aborda-se a elegia nos livros *Historicus* (I) e *Idea* (III).

demiurgo, opera sob o efeito inspirador das Musas, como de resto o *Íon* cristalizou, aqueles autores latinos seguem no encalço da escola peripatética, que concebia a produção poética como resultado da combinação entre natureza [*physis*] e arte [*techne*]. Subjacente a todas estas questões residia o conceito retórico de *decorum* [*prepon*], princípio basilar de toda a poética antiga, de resto fundamental na indagação teorética da genologia literária: impunha-se que os pensamentos [*res*] e as palavras [*uerba*] se adequassem corretamente ao género [*genus*] que se pretendia praticar. Esta preocupação marca agudamente o classicismo renascentista, porquanto o género é concebido à época como uma entidade a-histórica, autónoma e normativa, caracterizada imperativamente pelos antigos paradigmas. Por outras palavras, a poética baseava-se em modelos genéricos que, segundo uma perspectiva profundamente humanista, já haviam realizado a sua máxima expansão na Antiguidade greco-latina, ao ponto de cerrar o universo de cada género literário, o que naturalmente deu origem a alardes polémicos resultantes do aparecimento de obras disruptivas como as de Rabelais, Tasso e Corneille. A este conjunto de polémicas se dará o nome, em história da literatura, de *Querela dos Antigos e dos Modernos*.

A leitura destas páginas iniciais de Tomé Correia convida-nos a refletir sobre os vários tipos de impositividades no plano do *ethos* do poeta, como frisa a poética de matriz horaciana. Não bastando deter o engenho e a arte necessários, é imperativo que o poeta respeite continuamente as leis do decoro. Eis que deve examinar qual o género literário capaz de suportar, dado que o talento de cada um não está de igual forma destinado ao mesmo tipo de poesia. Assim, o esquema hierárquico constituiria um movimento que parte da dificuldade da épica, seguido pela mediania da comédia e da tragédia, até alcançar o nível mais básico da lírica e da elegia. A este propósito é avançado um exemplo por Correia: para exemplificar os preceitos horacianos nada melhor do que o próprio Horácio. Apesar de possuir a predisposição natural e a técnica necessária, o Venusino não ousou, informa Correia, os

grandes géneros como a epopeia e o discurso historiográfico. Eis que na ode sexta do livro primeiro (Hor. *Carm.* 1.6) e na primeira sátira do livro segundo (Hor. *S.* 2.1), que aliás o nosso humanista cita profusamente, é exposto o tópico da *recusatio* da epopeia, apanágio da poesia do tempo de Augusto. Aqui se observa na perfeição o *decorum* horaciano, claramente formulado nos seguintes versos da *Epístola aos Pisões* (*Ars* 38-40):

*Sumite materiam uestris, qui scribitis, aequam
uiribus et uersate diu quid ferre recusent,
quid ualeant humeri. [...]*

Vós que escreveis, escolhei o assunto consoante
as vossas capacidades, pensai bem no que recusar
e no que conseguem suportar os vossos ombros. [...]

CONCLUSÃO

83

Convém destacar que o *De elegia* de Tomé Correia, enquanto manual destinado ao estudo e à composição da elegia, apresenta um conjunto de preceitos que visam o estudante de poética do século XVI, um sujeito indeterminado porque coletivo. Daí que, atento ao escopo didático da sua obra, Correia elabora períodos em que faz uso da segunda pessoa genérica como forma de estabelecer proximidade e orientar o futuro jovem poeta. Desta secção inicial e propedêutica do tratado, na qual o autor delineia a sua concepção de poesia, extraímos o fragmento que ora se apresenta.

EXCERTO

Pontuação e ortografia atualizadas segundo as normas da Association Guillaume Budé para a edição de textos latinos e novilatinos:

Nec tamen est satis duo haec esse in poeta *praeclara*, *naturam et doctrinæ rationem*. Videndum enim etiam atque etiam est in quo genere poeseos te exerceas, ut laudem consequaris, considerandum quam ad rem *ingenium idoneum* habeas, ne quidquam aggrediaris quod non possis perficere, neue maiora suscipias quam quae possis facultate sustinere. Est namque in nobis uis *quaedam naturalis insita* et *ingenitus ardor*, quo quidam ad *comoediam*, quidam ad *tragoe-diam*, nonnulli ad *epicum carmen*, ad *elegiam plerique*, ad *lyricos uersis* multi sunt nati apti, ut qui in hoc genere posset esse perfectus, in illo derideatur. Haec fuit causa cur Horatius non fuit ausus arma attingere neque res *gestas*, etiam si ad *poeticam accommodatum* habuerit *ingenium imbutusque eius artificio apprime fuerit*.

CONTEÚDOS PASSÍVEIS DE ABORDAGENS DIDÁTICAS A PAR DA EXPLORAÇÃO DO TEXTO

84

VOCABULÁRIO

- alusivo aos conceitos da retórica e da poética: *naturam et doctrinæ rationem*, *genere poeseos*, *uis*, *ardor*, *ingenium*, *artificio*, *arma*, *res gestas*.
- caracterizador de qualidades: *praeclara*, *naturalis insita* et *ingenitus*, *perfectus*, *idoneum*.
- particular: *etiam atque etiam*, *ad rem*, *est satis*.

Nota: *poeticam* neste caso com o sentido de “poesia” e não “poética”.

MORFOLOGIA

- declinação de vocábulos de temas diversos: *duo*, *poesis*, *res*, *uis*.
- conjugação de verbos depoentes e semidepoentes: *aggrediaris*, *fuit ausus*.

- conjugação do conjuntivo: *exerceas, consequaris, derideatur, habuerit.*
- revisão de diversos pronomes e determinantes.

SINTAXE

- complementos circunstanciais com expressão de lugar: *in nobis, in hoc, in illo, in quo.*
- orações subordinadas: finais, concessivas, relativas, comparativas, interrogativas indiretas, consecutivas, comparativas.
- perifrástica passiva: *Videndum est, considerandum [est].*
- regências preposicionais: *ad poeticam accommodatum, ad comoediam [...] ad lyricos uersis [...] apti.*
- segunda pessoa genérica: *exerceas, consequaris, habeas, aggrediatis, suscipias, possis.* Estes verbos podem ser traduzidos por uma construção impessoal reflexa: por exemplo, na oração interrogativa indireta “*in quo genere poeseos te exerceas*”, em vez de “tu praticas”, preferir-se-á “pratica-se”.

85

TRADUÇÃO

No entanto, não basta que o poeta possua estes dois famosos requisitos: talento e conhecimento da arte. Para se alcançar a glória, deve-se ter sempre em consideração o género poético que se pratica e importa ponderar se se têm as qualidades necessárias para tratar o assunto, não vá iniciar-se uma empresa que não se possa concluir ou esta ser superior às capacidades de quem a empreende. Dentro de nós existem uma certa potência natural e um ardor inato que fazem com que alguns nasçam aptos para escrever comédias ou tragédias, outros poucos para poemas épicos e muitos para escrever elegias ou poemas líricos. Assim, quem for exímio num determinado género noutro pode

ser alvo de troça. Por esta razão não ousou Horácio escrever poesia heróica ou História, se bem que não lhe faltasse o engenho necessário para a poesia e a instrução apurada na sua técnica.

O autor deste trabalho é bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (bolsa com referência 2025.04464.BD).

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar e Silva, V. M. (2007, 8^a ed.), *Teoria da Literatura*, Coimbra.
- Almendra, M. A., Figueiredo, J. N. (1996), *Compêndio de Gramática Latina*, Porto.
- Correia, T. (1590), *De elegia ad amplissimum cardinalis Scipionem Gonzagam libellus*, Bolonha.
- Duarte, I. M. e Marques, M. A. (2014), “As formas pronominais EU/TU – valor genérico e distância”, *Revista Galega de Filoloxía* 15: 69-85.
- Escalígero, J. C. (1561), *Poetices libri septem*, sem indicação de local.
- Freire, A. (1987, 4^a ed.), *Gramática Latina*, Braga.
- Lausberg, H. (2004, 5^a ed.), *Elementos de Retórica Literária*, Lisboa.
- Lecercle, F. (1986), “La compulsion taxinomique: Scaliger et la théorie des genres”, in C. Balavoine e P. Laurens (eds.), *La statue et l'empreinte. La poétique de Scaliger*, Paris, 87-99.
- Leroux, V. (2017), “Théorie et pratique de l’élégie latine au XVIIe siècle”, in G. Sem e M. Minet (eds.), *Les arts poétiques du XIIIe au XVIIe siècle: tensions et dialogue entre théorie et pratique*, Turnhout.
- Martín, M. N. M. (2020), “Los “Géneros Menores” en la Poética de J. C. Escalígero. Un uso creativo del legado clásico”, in C. Pimentel, Sebastião Tavares Pinho, Maria Luísa Resende, Madalena Brito e Margarida Miranda (eds.), *O Humanismo Português e Europeu: no 5.º centenário do Círculo Lusitanus: Dom Jerónimo Osório (1515-1580)*, Coimbra, 307-315.
- Mateus, M. H. M. et al. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa.

- Mateus, S. (2018), *Introdução à Retórica no Século XXI*, Covilhã.
- Minturno, A. (1559), *De poeta ad Hectorem Pignatellum, Vibonensium ducem, libri sex*. Veneza.
- Pereira, B. F. (2012), *Retórica e Eloquência na Época do Renascimento em Portugal*, Lisboa.
- Perelman, C. (1999), *O Império Retórico*, Porto.
- Robortello, F. (1548), “*Explicatio eorum quae ad elegiae antiquitatem et artificium spectant*”, in B. Weinberg, *Trattati di poetica e retorica del Cinquecento*, vol. 1, Bari, 530-537.
- Weinberg, B. (1961), *A history of literary criticism in the Italian Renaissance*, Chicago.

RECEÇÃO DA CULTURA CLÁSSICA

